

Quando o viu pela primeira vez, sabia que seu destino era estar junto a ele. Todo o caminho percorrido tem seu fim, o seu estava a cada momento mais próximo. Não sabia bem ao certo onde, nem quanto tempo ainda levaria, mas ao vê-lo sentiu alguma coisa. Não é como se decidisse para onde ir, mas a cada horizonte, sentia que estava no lugar certo.

Sua trajetória iniciou no alto de uma montanha, onde foi o seu lar por um longo tempo. Achava que era feliz. Só descobriu o que realmente era felicidade após a queda de muita chuva. Foi carregado encosta abaixo até alcançar um rio de águas turbulentas. Este terminava em uma cachoeira. Foi ali que sua jornada tomou outro rumo, movendo-se com o vento desde então. Perdeu muito ao longo do percurso, sendo seus pedacinhos novos integrantes do mundo, cada qual originando uma história diferente. E ali, junto daquela espuma, daquele azul esverdeado, estava sua morada.

Passou por casas, morros, árvores, gramados, patas de cachorros, pratos digestivos e todos os lugares possíveis para chegar até aqui, junto de seus irmãos. Por onde andaria depois? Seria trazido de volta pelas ondas ou seguiria seu rumo? Mal podia esperar.

Por um breve momento, achou que seria tocado por ele, sentiu os seus respingos e imaginou como seria, enfim, estar lá. Eis que uma criança, com uma pá enorme e cor-de-rosa, o carrega para o lado oposto, junto de seus irmãos, um pedaço de isopor e uma bituca de cigarro. A baixinha corre em disparada e o atira longe. A bituca, o isopor e alguns irmãos caem na lata de lixo. Ele é carregado pelo vento até que bate em uma placa: *Junte seu lixo. O meio ambiente agradece.*

Quando, por fim, alcança o solo novamente, o perde de vista. Uma profunda tristeza o consome. O encontro é, mais uma vez, adiado. *Ah, não, já vi essa cena antes, ele pensa, aquele organismo de quatro membros locomotores está exteriorizando aquele jato amarelo e mal cheiroso de seu penduricalho ventral.* Como se não bastasse, o cachorro arranha o chão, arremessando muitos irmãos para cima dele. Soterrado, tem suas esperanças em um nível ainda mais baixo.

Em meio a sua luta interna para não permitir que o desespero tomasse conta, viu uma luz. A superfície não estava assim tão longe. Alguns minutos de vento e, enfim... grudado em uma sola de chinelo. Por sorte, a pessoa resolveu lavar o tal chinelo ainda na praia, usando uma garrafinha de água mineral. Com a esperança reestabelecida, ele continua sendo carregado de um lado para o outro, sem nunca perdê-lo de vista.

O sol já está começando a baixar, passará a noite fria ainda longe dele. Quem sabe amanhã será o grande dia? O pequeno grão de areia torce para que assim seja.